

Sarney

ALÉM DA NOTÍCIA

República cabisbaixa

De várias maneiras o presidente José Sarney tem procurado demonstrar seu desapego pelas formas usuais do poder e despojamento diante de tradicionais posturas que marcaram alguns de seus antecessores: que fizeram do exercício da Presidência uma fruição pessoal. O chefe do Governo, no entanto, não obteve ainda o tom adequado para esse seu posicionamento público, pois no mais das vezes a idéia que se faz desses gestos de ascetismo é o de um "udenismo" redivivo, que tangencia os verdadeiros problemas do País.

O Sr. José Sarney tenta transmitir à opinião pública um discurso moralista e austero, no espírito embutido da Nova República, mas o que se vê é uma disputa fisiológica entre os partidos pelos cargos do segundo e terceiro escalões, que retira o sentido de espírito público da mensagem presidencial. O Presidente, pessoalmente, se esforça para se manter um homem público simples, de vida regrada, com apego à família e ao círculo de amigos, mas o poder, essa pantera, vai dilacerando, sem dó nem piedade, as melhores intenções dos bons de alma e de sentimento.

Há também uma confusão de discurso. A Nova República deseja demonstrar uma face de austeridade, mas não deve impregná-la de tristeza crônica. O poeta Vinicius de Moraes já referia que o brasileiro procede de três raças tristes. Se o Presidente fizer uso largo dessa herança etnográfica, poderá manter acabrunhada o retrato de seu Governo. Informações liberadas à imprensa avisam que o Presidente da República não viajará aos Estados em ocasiões de festas cívicas ou populares. A festa, dizem os antropólogos, como Roberto da Matta, está na alma do povo, e representa seu escasso escape para as dificuldades.

O "udenismo" grassa também nas apreciações sobre o uso do avião presidencial em viagens internacionais. Quando o então presidente eleito Tancredo Neves fez uma longa viagem pelo exterior, preferiu, em vez de usar um avião comercial fretado, utilizar-se de linhas convencionais, como um passageiro normal. A questão fundamental da moralidade e do desapego do uso de mordomias foi atendida. No entanto, o Presidente ficou pouco à vontade, e causou inúmeros transtornos aos demais passageiros, pelo afã da imprensa em tentar acompanhar

todo o roteiro, não raro fazendo dos vôos o momento de entrevistas e conversas com Tancredo e seus assessores.

O Presidente da República do 8º país industrial do mundo há que resguardar uma postura básica. Nas suas próximas viagens ao exterior, o Presidente, segundo se noticia, vai viajar em boeing da FAB, em vez de usar os costumeiros jatos comerciais. Troca-se mais uma vez o conteúdo pelo continente, pois a atitude, em vez de representar uma economia de despesas para o Erário, vai duplicá-las: o Presidente se sacrificará, com um roteiro duas vezes mais longo, pois terá que descer em escadas, e os equipamentos da FAB gastarão em combustível, pessoal e apoio de terra, tanto quanto um vôo comercial fretado.

A questão, portanto, não está em liberar-se de facilidades que um poder deve ter, mas em cortar-se o abusivo e o lesivo. O poder nacional, representado no seu símbolo maior, que é a Presidência, não deve demitir-se de seu aparato cênico, para o bem da alma do sofrido povo. O Presidente deve tirar retratos oficiais, subir e descer a rampa, acenar para o povo, participar de festas populares, beijar crianças, e utilizar seus boeings fretados em viagens — nada disso será desastroso ao déficit público.

O que sobreleva no comportamento presidencial é o seu exemplo. Uma vida modesta e simples, e uma popularidade que vai dia a dia mais se firmando, são as respostas que o povo lhe dá. O Presidente deve livrar-se das duas maiores pragas da administração pública — o ofertório e o petítório — mas não fazer de seu Governo a encarnação do "udenismo" herético: nossa alma é lusa, retórica, aversa aos pactos definitivos, certa que a verdade é relativa, como a aplicação da moral.

RAPHAEL NA CULTURA

O ex-vice-governador do Rio, Sr. Raphael de Almeida Magalhães, está sendo incorretamente confundido com os advogados do empresário carioca Sérgio Dourado. Na verdade, o Sr. Almeida Magalhães ajudou o advogado de Dourado, Sérgio Bermudez, nas negociações financeiras do débito com os bancos. Não seria por isso que o prócer do PMDB deixará de ser ministro da Cultura, se convidado pelo presidente Sarney.

LEONARDO MOTA NETO